

CONECTIVOS ARGUMENTATIVOS E SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: UMA ANÁLISE DE TEXTOS DE AUTO-AJUDA

Denise Michelin ALONSO¹

RESUMO: O trabalho trata da investigação de um fenômeno lingüístico compreendido tanto nas produções orais quanto nas escritas, com ênfase aqui na produção escrita: os conectivos argumentativos como elementos constitutivos da persuasão no texto. Há também a análise do funcionamento de algumas palavras e suas possíveis designações - como o significado pode ser nesses textos construído. Numa interlocução teórica, com base nos pressupostos da teoria da argumentação perelmaniana e da Semântica do Acontecimento, o objeto para a análise é um texto da “literatura de auto-ajuda” de um autor de destaque do referido meio.

Palavras-chave: Auto-ajuda; Argumentação; Designação; Persuasão.

ABSTRACT: This paper presents the investigation of a linguistic phenomenon comprehended such as in oral production as in written, bringing the focus to written production in this work: argumentative components as constitutive elements of persuasion in the text. There is also an analysis of how some words work their possible designations - how the construction of meaning in these texts is given. In a theoretical interlocutory discussion, based on Argumentation Theory by Perelmanian Philosophy and the Semantic of the Event, the object for analysis is a text of "self-help literature", text written by a well-known author.

Keywords: Self-help; Argumentation; Designation; Persuasion.

1. Introdução

Muito além de um conteúdo verificável, plausível, nota-se que a força persuasiva dos textos de auto-ajuda principalmente escritos (o que pode ser entendido aqui também como o resultado no êxito de vendas, pois o orador existe porque há auditório) está antes numa estrutura lingüística forjada e num esquema semântico “pronto” do que no conteúdo proposto por um autor ou “através de outro autor”, quando há citação.

É lugar-comum falar subjetivamente em uma sociedade consumista, individualista; mas o advento da auto-ajuda é algo que está intrinsicamente ligado a essas condições: responde a tal “estímulo” e se insere nesse “contexto” em que o indivíduo pode fazer por si mesmo, pode comprar facilmente a solução de seus problemas. Encontramos em livrarias seções de *auto-ajuda*, palestras motivacionais em empresas, quadros na mídia em todos os seus “formatos”. Todo esse mecanismo conciliado com essa “modernidade”, esse aparente status de liberdade, autonomia, “livre-arbítrio” que a sociedade contemporânea impõe e prega,

¹ Mestranda em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas

vende a idéia do “poder fazer”, da ação ‘eficientemente’ eficaz que, no entanto, apenas dá a ilusão para o homem contemporâneo de poder alquimizar a vida.

Quando se pensa em argumentação, é preciso considerar primeiramente o conjunto de condições em que ela se dá e os meios empregados para que se realize uma comunidade efetiva dos espíritos, pois toda a argumentação visa à adesão, que certamente pressupõe a existência de um contato entre orador e auditório (autor e público leitor). Entendendo que significação se constitui através de relações não veritativas ou evidentes – de acordo com os pressupostos aqui assumidos -, do ponto de vista retórico, o campo argumentativo é o do verossímil: a retórica é um meio de produção/reprodução de conhecimento, portanto, o sentido da linguagem não está numa “verdade” pré-existente nem é evidente. “Paralelamente”, do ponto de vista enunciativo, a enunciação se dá no acontecimento e conseqüentemente a significação das palavras se dá a partir da preocupação com a articulação e relação entre os vocábulos, a disposição deles no texto, a seleção prévia, ordenação e exposição das idéias, a materialidade histórica dentre outros fatores. Nessa dicotomia a análise se tece.

1.1 O objeto

Ressaltando a validade e a pertinência de um trabalho científico que considera a ocorrência de um fenômeno atual (de comportamento) e relevante do ponto de vista social (que certamente inclui o Político), o objeto para a análise é o livro *Criando Prosperidade, a consciência da fartura no campo de todas as possibilidades*, de Deepak Chopra, endocrinologista indiano radicado nos Estados Unidos e autor de livros de auto-ajuda. A expressão “literatura de auto-ajuda”, que até então não foi realmente definida, é utilizada para destacar esses textos de maneira diferenciada (livros, palestras motivacionais, programas televisivos etc.) que se propõem a ajudar o leitor/ouvinte a resolver problemas por si mesmo, através de espécies de manuais e “passos”. Não nos cabe definir o que é o gênero de auto-ajuda, mas é possível detectar em seu escopo a ocorrência de traços e características constitutivas do “gênero” em questão, o que torna possível enquadrá-lo nesse termo devido a uma regularidade comum observada entre eles. Algumas dessas regularidades podem ser enumeradas como: o *ethos* do enunciador sempre “bem-resolvido”, otimista, determinado; do ponto de vista conteudista, argumentos circulares, sem fundamentação teórica de nenhuma natureza, discurso autoritário e muitas vezes proverbiais que se valem de *doxa* e citações de referências de “grande porte”, como de filósofos, cientistas e passagens bíblicas, por exemplo.

A linguagem utilizada pela auto-ajuda é simples, mas nem por isso é clara. Há sempre a promessa de meios para a solução de problemas ou ainda a redenção pelo próprio ato de ler determinado livro “Por exemplo, o conhecimento que você está adquirindo ao ler este livro criará espontaneamente as condições para a riqueza e prosperidade.” (Chopra, 2006, p 39). Não se conhece *nessa* literatura livros com fundamentação teórica ou escrita comprometida cientificamente, portanto basta que se adote qualquer exemplar desse gênero para que sejam observados exatamente os mesmo traços em todos eles, ou pelo menos, em sua grande maioria.

1.2 Pressupostos teóricos

Para alicerçar uma análise, primeiramente é relevante ressaltar o porquê da importância, suficiência e “alcance da teoria”. Ora, não se pode adotar um “ponto de vista” qualquer selecionado por conveniência porque facilita a aplicação do que se quer demonstrar. Uma característica que o discurso científico pretende, e muitas vezes não consegue atingir, é de ter o empirismo como fator de validação daquilo que se diz, através de uma lógica forjada, entretanto, ainda mais no campo da linguagem, não é o caráter empírico, necessariamente, que faz tornar consistente ou louvável um dizer. Por que se adota certas perspectivas e se exclui outras?

Falemos sobre o conceito do conhecimento construído pela linguagem dissertado por Chaiim Perelman e da Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães, que agrega o Político e o histórico, e considera o enunciado no texto (de maneira que ele não pode ser composicional).

Essas teorias não só não se excluem, como comungam entre si; não se trata de sobreposição, mas de uma complementação que oferece possibilidade de abordagens mais amplas que visam atingir aspectos mais profundos.

Mas quando pensamos no discurso de auto-ajuda, repleto de argumentos circulares, vagos, vazios, sem nenhuma consistência (filosófica, metodológica, prática, empírica, lógica etc.) logo vem a dúvida: por que será que é tão vendido? Ora, pensamos, não é necessário que se utilizem tantas teorias para refutá-lo, abordá-lo ou “denunciá-lo”. No entanto, esse talvez seja o primeiro motivo pelo qual é relevante que haja um estudo sobre ele: ele é insustentável segundo àquilo a que se propõe. Afirmar isso pode ser um tanto quanto delicado e é por isso que os fundamentos epistemológicos aqui assumidos dão conta desse intuito.

Conforme sinalizado acima, no que se refere ao âmbito retórico da argumentação, sobre o autor aqui em questão, Chaiim Perelman, a respeito do seu *Tratado da Argumentação*,

se fosse possível resumir o conteúdo de sua obra, poderíamos dizer, *grosso modo*, que sendo o campo da argumentação o do verossímil, a retórica é um meio de produção/reprodução de conhecimento e que o “sentido” da linguagem não está numa verdade propriamente dita nem tampouco a verdade é evidente. À maneira de uma *pedra angular*, a condição essencial interlocutória da argumentação se faz através da relação orador/auditório, da comunhão entre eles. Ora, independentemente de se visar ao resultado ou à adesão a uma tese, auditório particular e universal, respectivamente, o orador, qualquer que seja sua natureza, deseja obter o apreço e a adesão daquele que o lê/ouve, por isso, há uma preocupação na construção da argumentação, o que inclui a preocupação com a articulação e relação entre os vocábulos, a disposição deles no texto, a seleção prévia, ordenação exposição das idéias dentre outros fatores.

O outro pressuposto epistemológico utilizado para a “tessitura” da análise, trata-se da teoria apresentada em *Semântica do Acontecimento*, por Eduardo Guimarães. O autor ressalta primordialmente a questão do acontecimento como materialidade histórica do real e não como um fato no tempo, iminente e/ou eminente. O acontecimento temporaliza, resgata e estratifica algo que já faz parte do memorável e é esse memorável que vai caracterizando, demarcando o sentido; isso quer dizer que o funcionamento da língua está em aberto, pois a língua funciona no espaço da enunciação. Por enunciação entendemos que se trata de um fenômeno ocorrido a partir da relação sujeito/língua e está sempre agenciado por lugares sociais de dizer, isto é, só podem falar como *locutores* de determinada posição social. O enunciado não é um fato isolado no tempo, mas recorta uma temporalidade que significa conter em si um memorável e uma latência de futuro.

É possível dizer coisas diferentes utilizando as mesmas palavras, isto é, articuladas de maneira específica, é possível obter um sentido até mesmo inverso daquele que se pensa “convencional”, costumeiro, utilizado na ‘maioria das vezes’. Podemos citar como outro exemplo o dicionário: o dicionário é um produto histórico, carregado de valores que são convencionados de acordo com uma época e não um mero “tradutor” ou definidor atemporal dos verbetes.

1.3 A análise

Um sucinto exemplo da análise prévia se trata da atuação do conectivo argumentativo por excelência: *mas*. Nesse caso, selecionamos a forma do *mas argumentativo* (e não o de refutação), em que sua estrutura básica, segundo Ducrot é: **p mas q**. Esse conectivo tem a propriedade de ligar dois atos distintos, em que mesmo **p** sendo verdadeiro – o que levaria à

conclusão **r**, o destinatário não deve “processá-lo” dessa maneira, pois a força contida em **q** (**não-r**) é superior a **p**, o que faz com que se negligencie o que foi declarado anteriormente. A respeito da existência de “partículas quânticas sub-atômicas”, Deepak Chopra afirma: “...sabemos que elas existem pelos rastros luminosos resultantes de sua passagem, que podem ser vistos e até fotografados com instrumentos sofisticados, ou aceleradores de partículas. E, é claro, se alguma coisa deixa um rastro, essa coisa existe. *Mas* há algo mais interessante ainda sobre essas partículas: elas só passam a existir quando queremos observá-las”. (Chopra, 2006 p 67 a 69)

Observamos num pequeno exemplo, como a legitimidade do conteúdo é facilmente refutada só pela ínfima observação do que está sendo dito; o caráter contraditório da formulação nos leva a pensar que é imponência do *mas* que direciona o leitor a “aceitar” o argumento como estruturado, completo e verificável. O leitor por estar situado numa materialidade histórica – o que inclui o valor e aplicação também dos conectivos – tem um esquema interiorizado, que “economiza” a necessidade de raciocínio e reflexão a respeito do que está sendo dito, dissimulando sensação de entendimento.

Em relação à análise semântica, observemos pois, algumas interpretações possíveis para o semantema *campo* atuando como substantivo nessas seqüências textuais:

(1) “A verdadeira natureza de nosso estado básico, bem como a do universo, é ser o **campo** de todas as possibilidades. É o que somos em nossa forma primordial: um **campo** de possibilidades. Partindo desse nível é possível criar qualquer coisa. O **campo** é nossa natureza essencial, nosso eu interior” (p 27)

(2) “Já que devemos sempre buscar o melhor, por que não adotarmos Deus como modelo? Afinal, não existe ninguém mais rico do que Ele, porque Deus é o **campo** de todas as possibilidades” (p 33)

(3) “Quando prestamos atenção nos valores que a sociedade sempre considerou sagrados – verdade, integridade, honestidade, amor, fé, devoção e beleza, a ordem emerge do caos e o **campo** de pura potencialidade em nosso interior torna-se todo-poderoso, capaz de criar qualquer coisa que deseje” (p 54)

(4) “O desconhecido é o **campo** de todas as possibilidades que existe em cada instante. Nele encontramos liberdade, vamos além dos condicionamentos do passado e além da prisão do espaço e do tempo” (p 59)

(5) “Possuir a verdadeira riqueza ou fartura é viver totalmente despreocupado com tudo o que existe na vida, inclusive dinheiro (...) Não podemos conhecer o **campo** somente pensando nele porque, por definição, ele transcende o pensamento, mas nada nos impede de vivenciarmos sua existência, indo muito além dos pensamentos, chegando ao ponto de conhecê-lo tão intimamente como conhecemos nossa própria natureza” (p 66)

(6) “... quanto mais mergulhamos no **campo** do Ser puro, da percepção pura, da consciência pura, mais nossas atividades vão absorvendo suas qualidades”. (p 67)

(7) “Neste capítulo eu gostaria de explicar com mais detalhes o que é o **campo** quântico”. (p 67)

(8) “Examinemos agora as qualidades do campo unificado, do eu, do Ser puro, que é a fonte de toda abundância e fartura do universo. Afinal, se queremos escolher um modelo, se queremos algo para imitar, por que não escolhermos o **campo** unificado, a fonte de toda a criação, como nosso modelo?” (p 73)

(9) “As 25 qualidades do **campo** unificado:

1. Total potencial das leis naturais
2. Infinito poder de organização
3. Plenamente desperto
4. Infinita correlação
5. Perfeita organização
6. Infinito dinamismo
7. Infinita criatividade
8. Puro conhecimento
9. Ilimitado
10. Perfeito equilíbrio
11. Auto-suficiência
12. Todas as possibilidades
13. Infinito silêncio
14. Harmonizador
15. Evolutivo
16. Auto-referência
17. Invencibilidade
18. Imortalidade
19. Imanifesto
20. Nutriente
21. Integrador
22. Simplicidade
23. Purificador
24. Liberdade
25. Bem-aventurança”

(Chopra, 2006, p 99, 100)

Se introduzirmos a análise pela definição metalingüística do sintagma *campo*, veremos que dentre as inúmeras definições que ocorrem, as mais pertinentes a esse caso são: *espaço limitado que se pode abranger com a vista por meio de um óculo de alcance; região que se encontra sob a influência de alguma força ou agente físico como, p.ex., o campo eletromagnético, o campo gravitacional ou o campo de temperaturas; área em que se desenvolve determinada atividade; esfera de ação; domínio, âmbito*².

A palavra *campo* estando sozinha, isto é, sem estar relacionada com outras, é um tanto quanto vazia ou no mínimo vaga, e não há como afirmar um significado “claro” e facilmente detectável quando a lemos. Ao observarmos seu funcionamento em 1, 3 e 8 e, em contraparte, em 2, 4, 5 e 6, vemos que elas são praticamente opostas, ou ao menos, “contraditórias” a

² Extraído do link: <http://dic.busca.uol.com.br/result.html?t=10&ref=homeuol&ad=on&q=campo&group=0>

respeito do que o próprio autor propõe. Em 7, Chopra se pretende definir o *campo* de modo “sumamente” informativo e ,em 9, há o resumo das vinte e cinco qualidades do *campo*. (Essa lista é “desenvolvida” no livro, através de sub-capítulos, entretanto é impossível citá-la ou “extrair” significações ou entendimentos objetivos – mesmo com a variação e contradição entre eles, pois há sub-capítulos de uma frase, como por exemplo no sub-capítulo intitulado “Infinita correlação”, , na íntegra ,: “Ele correlaciona tudo com tudo”. (p 27), ou ainda, em “Imortalidade”: “Portanto, ele é imortal.” (p 85)). Não há meios de observar esse tipo de reescritura devido a sua subjetividade e obscuridade.

Ao observarmos a relação traçada entre 1 e 2, fica sinalizado o distanciamento existente entre o homem e Deus. Deus é o *campo* ou nós somos o *campo*? Nota-se uma disparidade. Ou ainda, o *campo* faz parte de “nossa” natureza, ele a constitui ou é a natureza divina que se pretende atingir? Se o homem deve buscar algo em Deus, isso é, uma coisa extrínseca a ele, como então pode se tratar de uma mesma hierarquia? Se o livro se propõe a ajudar e ensinar a atingir a realização de todos os desejos através de um estado e busca de perfeição, parece ser *conveniente*, embora incoerente, afirmar essa igualdade entre aquilo que não se é e que se busca (Deus x homem) e ele o faz sem aparente preocupação com a coesão e coerência entre suas afirmações.

Notamos então que há várias possibilidades diferentes para a definição de *campo*; o problema, *a priori*, não é pela diferença em si, pois as palavras são significadas na língua em funcionamento e a reescritura pode comportar esse tipo de ocorrência, mas a crítica está , sobremaneira, no modo como o autor pretende designar o que diz, quando o pretende significar *campo*, isso fica muito vago, pois não explica nem desenvolve seus argumentos e a ilusão de explicação decorre da longa predicação vaga que ele vai acrescentando ao texto, todavia não aprofunde o assunto.

Quando o autor se propõe a definir o que é o *campo* quântico (especificado pelo artigo e por essa palavra implicitamente pressuposta como sinônima dos *outros campos* que ele cita – sem nenhum outro especificador - começa por dizer que os físicos afirmam: “Não existem e nunca existirão instrumentos capazes de medir essas partículas” (p 68), entretanto elas existem a partir do momento em que pensamos nelas. Ele argumenta que sabemos que elas existem pelos rastros luminosos que deixam,

sabemos que elas existem pelos rastros luminosos resultantes de sua passagem, que podem ser vistos e até fotografados com instrumentos sofisticados os aceleradores de partículas. E, é claro, se alguma coisa deixa um rastro, essa coisa existe. Mas há algo mais interessante ainda sobre essas partículas: elas só passam a existir quando queremos observá-las. (p 68 e 69)

E ainda na seqüência:

Dessa forma, se estivermos diante de um campo quântico, cada vez que olharmos para ele essas partículas lampejam para a existência. Cada vez que desviamos a atenção elas desaparecem no vazio. São como pequeninas luzes que acendem e apagam num quarto às escuras. (p 69)

Neste trecho, para alicerçar seu discurso, o autor tenta recorrer às teorias lógico-empíricas como a física e se apropria descuidadamente tanto das teorias quanto das explicações. Se é realmente fundamental definir o campo (de qual campo que se fala: o *campo* quântico ou o *campo*-Deus, que ora pode ser nós mesmos, ora lugar de todas as possibilidades ou potencialidade pura? Ele pode ser qualquer um? Sugere isso? Não há no livro um esclarecimento a esse respeito), como é possível aceitar argumentos de que não há instrumentos capazes de medir as partículas, mas depois os há? Como é possível aceitar dois argumentos opostos sobre um mesmo tópico? Chopra utiliza-se de nomes técnicos que poderiam ser dispensáveis, mas que ‘impressionam’ o leitor, não os significando consistentemente.

O que há é uma incoerência sobre um discurso que se propõe rápido, simples, de “fácil aplicação” e, na verdade, além de não possuir clareza ou a objetividade que promete, os “passos”, isto é, os métodos, são descritos e considerados como se fossem óbvios para qualquer um. Não pretendemos questionar, por ora, a validação e “alcance” de tais métodos.

1.4 Conclusão

Percebemos que, no caso em questão, o autor se posiciona muitas vezes como enunciador individual, o que representa um dizer independente da história; apresenta-se também como enunciador-genérico e enunciador-universal, o que faz, além de apagar o seu lugar de dizer, parecer ser o pioneiro daquilo que está sendo dito, por isso há espaço para pouca responsabilidade sobre o que se diz, visto que tais dizeres são “apenas” verdades absolutas, “fatos”, por isso possibilitam uma “economia” de reflexão por parte do leitor, já que se tratam de verdades incontestáveis, óbvias, – características muito interessantes e “eficazes” para textos de auto-ajuda.

O autor utiliza uma “máscara” para tomar lugar de locutor-cientista (quando quer legitimar seu discurso) citando (de modo descompromissado) a física enquanto ciência lógica e “inquestionável”, ou locutor-religioso (pertinente nesse tipo de discurso de auto-ajuda) quando cita o poder que se pode acessar – e que ele possui – por conhecer o pensamento milenar védico³. Ele só pode tomar esse lugar social de locutor-cientista ou religioso porque é

³ Sistema de escrituras sagradas do hinduísmo.

escoltado pelo enunciador genérico e/ou universal. É esse posicionamento suposto e que se pretende legítimo que o dispensa de argumentar comprometidamente e de modo coeso com aquilo que afirma.

Em relação à retórica, concordamos com Perelman na afirmação: “como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar” (Perelman, 1996, p 21). Podemos dizer em relação ao discurso de auto-ajuda que o leitor que se predispõe a comprar e conseqüentemente abrir o livro para a leitura, já está pré-disposto a “aceitar” o que lerá, não percebendo a impossibilidade da compreensão prometida pelo autor. Independe se é pela intenção de efetivar algo como lazer ou terapia, o apreço inicial já possibilita um não-questionamento, um não-pensar sobre o que está sendo lido, no caso desse tipo de gênero que propõe algo para o *sucesso de sua vida* de maneira tão fácil.

A dissertação está em andamento e essa é apenas uma análise curta sobre o *corpus* em questão. Pretendemos observar os tipos de *lugares* da argumentação, levando em conta os pressupostos semântico-enunciativos e retóricos, a fim de constatar o funcionamento e as regularidades dos textos de auto-ajuda

REFERÊNCIAS

CHOPRA, Deepak. (2006). *Criando Prosperidade: a consciência da fartura no campo de todas as possibilidades*. Best Seller, Rio de Janeiro. 21ª. edição.

GUIMARÃES, E. (1987). *Texto e Argumentação*. Campinas, 3ª. ed., Pontes, 2002

_____. (2005). *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, Pontes.

PERELMAN, Chaiim. (1996). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo, Martins Fontes.

<http://dic.busca.uol.com.br/result.html?t=10&ref=homeuol&ad=on&q=campo&group=0>